

CORREIO DA VILLOSA

Semanario
independente, noticioso e litterario
Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc.
Rua de Sã Noronha, 51
—
PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO:
ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES
Editor—José Ferreira de Magalhães

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
NA
RUA DE S. MIGUEL N.º 36
—
PORTO

Não se devolvem originaes nem se acceta collaboração que não seja sollicitada.

ACALMAÇÃO

Sob esta epigrapha publicou na *Lucta* de sexta-feira o illustre escriptor sr. Abel Botelho um esplendido artigo de que transcrevemos os seguintes periodos:

A salutar experiencia d'estes tres primeiros mezes de Republica,—trez mezes de confiança, de paz, de entusiasmo, de labuta incessante e fecunda,—impõe-nos tanto a obrigação de aconselhar tolerancia e moderação aos servidores do Regimen, como nos dá o direito de exigir correcção e lealdade aos adversarios. A forma republicana é um systema de governo hoje definitivo, assente para nós: é a expressão da vontade da nação. E a nação é uma. Admittem-se no seu seio todas as correntes de opinião publica, mas de modo que não lhe perturbem a harmonia estrutural. Segundo este criterio, todos estarão mais á vontade; e é do embate d'essas correntes de natural fluctuação que rompem, nos povos bem encaminhados, os estímulos do seu progresso e as affirmações dynamicas da sua força.

—Vêr, por exemplo, agora a Inglaterra, que atravessa uma grave crise, sem que o mais insignificante signal depreciativo, proveniente das suas convulsões internas, lhe affecte a solidez do credito no exterior. Mas, ainda nestas tortuosas campanhas de descredito contra a Republica Portuguesa, o que ha de mais odioso, é que ellas não provêm dos pequenos, dos humildes, dos secularmente sacrificados nas durezas da engrenagem social.

As classes proletarias, os invariavelmente burlados dos tempos idos, e que, num movimento natural de sofrega impaciencias, se deram de principio a formular com demasiada vivacidade as suas reclamações e exigencias, esses, pelo mais nobre e patriótico sentimento, accommodaram-se satisfeitos em parte com as concessões já obtidas e dispostos a esperar resignadamente da Republica,—na qual confiam,—o momento opportuno para lhes ser feita inteira justiça. E, pelo contrario, os felizes do aquaido regimen monarchico, aquellos que então viviam á farta, á custa das extorsões feitas ao pobre, é essa quadrilha insaciavel de delapidadores e devoristas que quer ainda á

viva força levar-nos á iniqua regressão do antigo!

Não pôde ser. Exige-o a tranquillidade, o decoro, o progresso, a unidade da nação. Combatam mas combatam sem perversidade, se querem ser acolhidos sem odios. A nação precisa do trabalho, do esforço de todos, e para isso temos todos que *bem-servi-la* embora cada um dentro do seu modo de vêr e segundo os seus principios. E' tempo, em summa, de entrar-se numa politica de acalmação, de mutuo apaziguamento de paixões, que a todos permitta trabalharem desafogadamente, e que aos republicanos dê ensejo para proseguirem naquella sua conducta de piedosa tolerancia, dos primeiros dias, aproveitando todas as boas-vontades garantidas, todos os elementos de provada confiança, deixando de olhar a pessoa e a mira mais alta no bem-estar commum.

Abel Botelho

NOTAS LIGEIRAS

A' CUSTA DO PAIZ

Sob esta epigrapha, publicámos no ultimo numero um despacho datado de 1896, pelo qual foi mandado reembolsar o rei D. Carlos da quantia de oitocentos mil reis com que concorreu para as familias dos inundados em Ponta Delgada.

Em face d'este documento, sem duvida nenhuma affirmámos que o penultimo monarcha da Nação Portuguesa, se passou por homem generoso, foi á custa do thesouro publico. Aquelles, porém, que precisem de mais provas para se convencerem d'esta verdade, queiram ler o seguinte despacho, que faz parte do relatório apresentado, em 5 do corrente, ao Ministro das Finanças, pela commissão encarregada da syndicancia á Thesouraria:

Fica auctorizada a Direcção Geral da Thesouraria a abonar á Administração da Fazenda da Casa Real—**pela verba da qual tem sahido despezas da mesma natureza, a quantia de quinhentos mil reis, para socorros dados, por ordem de Sua Magestade, aos individuos prejudicados nas ultimas inundações em Santarém.**—Paço, 18 de março de 1895.—(a) Hintze

MARQUEZ DE POMBAL

O Governo Provisorio resolveu trasladar para os Jeronymos os restos mortaes do notavel estadista Marquez de Pombal, e encarregou a Camara Municipal de Lisboa de realisar essa trasladação. Não quiz, porém, a Camara fazê-lo, sem consultar a familia do illustre morto, cujo representante mais em evidencia é o seu tris-

neto Antonio de Carvalho, actual Marquez de Pombal. Este officiou ao presidente da Camara, a dizer que, apenas no caso de haver motivos de ordem superior que levem o governo a desejar a realisação immediata do projecto da trasladação, é que a auctorisará.

A sua attitudo provém, segundo declara, de ser tradição na sua familia que o seu tris avô desejava que os seus restos mortaes ficassem na capella das Mercês onde realmente estão.

Leombra ainda o sr. Antonio de Carvalho casos analogos, que se têm passado no estrangeiro e no nosso paiz, para justificar a resposta que deu á Camara. Esta mandou copia do officio do trisneto do celebre estadista ao Governo Provisorio.

UMA ENTREVISTA

Da entrevista que o jornalista sr. Joaquim Leitão teve com o antigo ministro da monarchia sr. José Luciano de Castro, transcrevemos a seguinte passagem:

A minha familia, prosegue o narrador, quiz então ir para Anadia. «Não, agora é que eu não vou! Possem quando eu lhes disse!» Depois da revolução, dizia-se logo que era uma fuga. Rogaram, choraram, vieram aqui amigos pedir-me que sahisse de Lisboa. Mas eu recusei-me. «Mas podem-mo matar!» «Paciencia! Eu não me posso sequer defender. Matam um velho e um entrevado». Effectivamente, logo depois de proclamada a Republica vieram aqui, arrombaram-me as portas, e invadiram-me a casa mais de duas mil pessoas. As minhas filhas quando ouviram arrombar as portas foram ao telephone pedir a uma irmã do conde de Monsaraz que nos ajudasse. Foram depois ao encontro da multidão e disseram: «Então os senhores querem matar tres mulheres e um velho entrevado?» Dois cabos responderam: Não, senhores, não se mata ninguém!» «Pois, sim, não se mata. Mas queremos o rei». Vieram dizer-me: «querem vel-o, meu pae! Vem-o matar!» «Vamos morrer, Manuel, disse eu para o creado. Os homens entram e eu disse-lhes: «Se querem matar-me, matem! não me defendo nem posso defender-me!» «Você queria mandar-nos para Timor!» disse um. «Eu!» «Sim, o senhor!» «Eu, não! isso talvez fosse o sr. João Franco.» Pediram-me os papeis do Credito-Predial, e levaram d'uma gaveta umas procurações sem valor algum. «E papeis politicos?» «Os que ha estão ahi. Levem o que quiserem!» Chegou o sr. Antonio José de Almeida, mas nem entrou porque já estava passado o perigo.

O DIA DE REIS

Sob esta epigrapha, e com o sub-titulo—*celebrados pelos monarchicos*—publicou a *Lucta*, no seu numero de sexta-feira, alguns trechos de artigos de jornaes monarchicos, publicados nos tempos da realeza.

Faz o magnifico diario lisboense a affirmação de que os monarchas não podiam ser mais maltratados pelos republicanos do que o foram pelos realistas. Concordamos. E para que os leitores de este jornal possam tambem formar o seu juizo sobre o assumpto, vamos archivar alguns dos referidos trechos:

Reinado de D. Luiz

«O soberano portuguez deixa que arrastem a Corôa por cavernas de ladões e prostribulos de Messalinas.»

(*Diario Popular*, 8 de junho de 1878)

«Sua Magestade pergunta onde estão os ladrões?»

«Onde estão, real senhor? Estão debaixo do manto de vossa magestade.»

(*Diario Popular*, 1878).

Reinado de D. Carlos

«El-Rei caça em Villa Viçosa, depois de ter feito da Carta Constitucional bucha para o baco-narte com que atirou aos adeptos e ao augmento da lista civil. Atirou e acertou»

(*Correio da Noite*, 15 de Janeiro de 1878).

Reinado de D. Manuel

«Pode asseverar-se que o sr. D. Manuel não chegou a ser rei. No momento em que se esqueceu do que devia á sua dignidade, á memoria dos seus e á dignidade de nós todos, que lhe confiámos um cargo, que é incapaz de conservar sem o deixar cair na lama, o sr. D. Manuel deixou de ser rei.»

(*O Liberal*, 21 de setembro de 1910, treze dias antes da Revolução).

DISCURSOS

Quando os jornaes deram a noticia d'um banquete d'homenagem a João Chagas, disseram que haveria apenas dois brindes. Custou-nos a roê-la, e cheios de interesse ficamos á espera do dia da annunciada festa, para entoarmos o *De profundis* á loquela nacional. Mas ainda não foi d'esta a eloquencia nacional. Se não, abram-se os jornaes de sexta-feira, e contem-se os discursos que se fizeram no jantar em honra do notavel pamphletario. No *Janeiro*, que temos deante de nós, diz-se que foram *innumera-veis*, e faz-se referencia expressa a uma boa duzia d'ellas, indicando os restantes vagamente por uns dois ou três. . etc.

PROTECCÃO AS DONZELLAS

Sob esta epigrapha, inserem os jornaes a seguinte noticia... americana:

«*Nova York*, 2—Em breve vae ser submettido ao parlamento de Nova Gersy um projecto de lei de protecção ás meninas, projecto este elaborado pelo «Club Cupido» afim de pôr cobro ao abuso que estavam praticando muitos homens casados, que se faziam passar por solteiros. A lei determina que todos os homens casados, quando saiam de casa pônham uma alliança no dedo contra a mão esquerda, sendo os contraventores punidos com a multa de 500 dollars e dois annos de prisão.—Esp.»

Portugal é, indiscutivelmente, um paiz de imitadores: ninguém estranhará, portanto, que as donzellas portuguezas gosem dentro em breve da mesma protecção que vão ter as americanas.

DURANTE A SEMANA

A's 4 horas da manhã do dia 5 manifestou-se incendio no 3.º andar do edificio onde estão installados os Grandes Armazens Grandella, de Lisboa. Os prejuizos calculam-se approximadamente em 60 contos. O predio e as fazendas estão seguros em varias companhias.

—Num portal da Travessa da

Conceição, em Lisboa, appareceu, num embrulho, um cadaver da creança do sexo feminino esquartejado. A policia judiciaria está já em campo, a ver se descobre o auctor de tão nefando crime.

—Foi aberto concurso para provimento do logar de pharmaceutico-director do dispensario dos Hospitais da Universidade de Coimbra, com o ordenado annual de 3005000 reis.

—No dia 5 de manhã, deu-se uma explosão a bordo do yacht «Amelia», por ter rebentado a caldeirinha do esquentador, ficando gravemente feridos o cabo fogueiro José Correia Borges e o chegador Salvador Bonifacio.

—O sr. Agostinho Fortes, secretario do presidente do conselho de ministros, foi nomeado professor de historia universal antiga, medieval e moderna, do curso superior de letras.

—No dia 2, pelas 7 horas da tarde, na rua da Boavista, junto do Pateo dos Gallegos, em Lisboa, foi apanhada por um carro electrico uma velhinha de 70 annos, de nome Maria Julia, que teve morte quasi instantanea.

Juntou-se muito povo, obrigando o guarda-freio a entregar-se á prisão, e impedindo a circulação de carros, e pretendendo até os mais exaltados lançar fogo ao electrico que causou o desastre.

—Numa das ultimas noites, houve em Lisboa, no Colyseu, uma enorme balburdia. O luctador francez Paul Pons havia desafiado o luctador portuguez Manuel Pedroza para um combate greco-romano.

Depois do primeiro assalto o luctador francez, argumentando estar maguado numa perna, recusou-se a luctar.

O publico, vendo nesta recusa um simples *truc*, rompeu numa gritaria ensurdecadora, partindo cadeiras, lampadas, arcos voltaicos, tudo quanto se lhe deparou. Só com a intervençao d'uma força de infantaria 5 é que foi possivel, e ainda a muito custo, restabelecer a ordem.

—Partiu no dia 2, a bordo do *Portugal*, para a Africa, o novo governador d'Angola, major Manuel Maria Coelho.

No tribunal da Relação de Lisboa, julgou-se, no dia 4, o agravo do ex-ministro da Justiça sr. Teixeira d'Abreu, sendo annullado o despacho de pronunciaçao para, em continuacão do corpo de delicto, se averiguarem alguns pontos relativamente ao crime de peculato, julgando-se amistiado este crime pelo art. 301, n.º 1, do cod. penal. Assignaram vencidos os juizes srs. Velez Caldeira e Matheus Teixeira d'Azevedo.

—O soldado de infantaria 1, Antonio Augusto, que estava desatancado em Mafru, regressou no dia 4 a Lisboa, mas em tal estado de embriaguez que mal podia dar um passo. N'este estadao atravessou o Rocio com a espigarda ás costas e 70 balas. A certa altura carregou a arma com 5 cartuchos, tentando disparar contra quem se lhe approximava. Depois de varias peripecias, de que felizmente não resultou nenhum desastre, conseguiram subjuga-lo alguns populares e soldados, levando-o para o

CORREIO DO VOLUCA

Semanario
independente, noticioso e litterario
Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc.
Rua de São Noronha, 51

PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO:
ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES
Editor—José Ferreira de Magalhães

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
NA
R. DO COMMERCIO DO PORTO, 124-B
PORTO

Não se devolvem originaes nem se acceta collaboração que não seja sollicitada.

PAUSAS DA VIDA

XX

Um Democrata

Uma vez eramos sete que iam á estação-velha de Coimbra esperar um personagem de alta categoria.

Vieram dois carros: um popular, com acomodações para muita gente, numa palavra, um char-á-bancs; outro de luxo, para os maioraes, não sei se era Victoria se era Mylord, mas está-me a parecer que era Victoria.

Era de noite, e vinha uma aragem dos lados da serra que parecia que cortava a pelle da cara de um homem.

Encolhi-me, pois, muito bem encolhido, a um canto da malaposta, á espera que partisse o cortejo.

O cocheiro fumava como um turco; dizia elle que era para se não constipar.

As vélas de cebo illuminavam baçamente as garupas das eguas; enquanto ás cabeças, perdiam-se na vasta escuridão, na grande treva!

Entrou segundo passageiro, animado dos mesmos arrepios e do mesmo movimento involuntario e clamoroso de dentes; e fez o que eu fiz: agachou-se e esperou em silencio pelo signal da partida.

Um terceiro subiu, ainda mais sensível, segundo parecia, aos mesmos phenomenos.

Depois seguiu-se uma pausa enorme, cruciante, fastidiosa. Todos perguntavam uns aos outros a razão de semelhante demora.

O cocheiro, a fumar, definiu que, se não chegassem a tempo, que não queria saber, que não lhe deitassem as culpas para elle!

O que era, afinal?

Era um desgraçado que andava á ronda do coche d'élite; que fazia esforços para ter posto d'honra, para occupar logar de destaque na noite negra; que olhava com horror para a diligencia como quem olha das bordas do precipicio para o fundo do limbo que o vae tragar.

O presidente, de pé no estribo, fazia uma especie de dissertação sobre os motivos da divisão dos dois grupos, sobre o criterio que presidiu á escolha dos tres aventureiros que subiram á primeira classe, á gloria d'aquella marcha.

Elles bem deviam de ouvir o fremito dos nossos queixos dentro do char-á-bancs; mas quem faz caso nesses momentos de umas pobres mandibulas que telintam de frio?

Porfim o misero declarou-se vencido; correu como um foguete para o nosso vehiculo; abriu a portinhola; arrumou-se para dentro como quem arruma um fardo num armazem.

E bufava, e dizia: cá venho eu, pr'ó zé-povinho!

Loanda, 26 de Setembro de 1911.

João, Bispo d'Angola e Congo.

XXI

Um espirito caustico

—Não vás lá! olha que isso lá é muito funebre!

Esta recommendação pittoresca era-me feita, ha cinco ou seis annos, por occasião de um convite para jantar em Lisboa em casa de um argentario.

—Esse homem, continuava o meu conselheiro, teve o merito de chegar aqui de pésinhos nús, a soprar nas frieiras, e de adquirir, á custa de suor, de senso e de sorte, os thesoiros róticos de que dispõe. Mas consagra um culto medonho ao ceremonial, como não deixa de acontecer muitas vezes áquelles a quem a fortuna levanta pelos cabellos da plateia para as eminencias. O seu palacio da Rua-Nova á como um templo para os efeitos da circumspecção e da gravidade; nem todos os pés sabem poisar e andar nas suas tapeçarias; nem todas as vozes sabem manter deante de elle os timbres da conveniencia!

—Incorrigível trocista!

—Raras vezes quebra o idolo o seu augusto silencio; mas então que emmudeçam pessoas e coisas, que não se oiça bulir uma folha n'essa meia-legua ao redor!

—Caustico!

—Quando eu lá cahí, estava á mesa um inglez. Um christal que continha licor dava scintillações magnificas debaixo do lustre: tons verdes, cambiantes, muito leves, delicadissimos! O pobre subdito de sua magestade britannica não podia olhar para aquelles efeitos de luz sem sentir estremecer a garganta. De repente a tentação foi mais forte do que elle: virou-se para o frasco de esmeralda que irradiava no centro da mesa, e saudou-o carinhosamente com

a canção popular: *O minha caninhinha verde!*

—Oh... oh... oh... isso não são coisas que se digam!... não é decente!... não é parlamentar!... verberava o millionario.

E o desditoso sir, muito enfiado, passava os olhos pelos convivas, fazia um gesto de mãos como quem abre caminho deante de si, não cessando de exclamar:

—Retiro a palavra... retiro-a já... já, já... está retirada!...

—Estiveste a inventar, ou pelo menos a exaggerar! dizia eu no dia seguinte ao homem da satyra. Trata-se de uma pessoa bem educada. Nada mais!

Loanda, 9 de Novembro de 1912.

João, Bispo d'Angola e Congo.

Dizeres do povo

POR

Antonio Correia d'Oliveira

XIII

—A Culpa ficou solteira—
Não a quer ninguem que a tem;
Logo ao nascer engeitada,
E' filha, mas sem ter mãe...

XIV

—Águas passadas não moem?—
E' conforme se entender;
Remorsos do mal passado
Ficam sempre a remoer.

XV

—Quem mais perto está do fogo,
Mais se aquece.— Tem cuidado!
Não te chegues tanto ao fogo
Que venhas a ser queimado...

XVI

—De alto cae quem alto sóbe.—
Vae subindo... Se caíres,
Aprende por onde caes,
Para de novo subires

XVII

—O melhor é inimigo
Do bom.—Que mais desejar?
O sópro que acende a chama
Tambem a pode apagar.

XVIII

Não digas, rindo: — De esta agua
Não beberei.— Tem cuidado!
já a vi beber a alguém
Depois de a ter enlodado....

O fogo gasta o ferro, o mar alaga as cidades, terremotos as derrubam, raios espantam o mundo, armas o senhoreiam, só o saber do homem é livre d'estes perigos, porque nem o tempo o gasta nem a morte o senhoreia.

Cartas de um homem obscuro

V

(CONTINUAÇÃO)

Os *sannitas*, protegidos por grandes escudos quadrados, da altura de um homem, cruzam as suas espadas curtas e direitas com os sabres dos thracios munidos de um pequeno escudo. Os *cavalleiros* armados de compridas lanças marcham ao galope uns contra os outros; os *essedarios* combatem do alto dos carros de guerra. Umas vezes os gladiadores lutam um contra o outro outras vezes formam-se em grupos e dão verdadeiros combates. E, para que cada um não tenha occasião para fugir da lucta são guardados por feras humanas, que os obrigam ao combate com o emprego de pesados chicotes, ou com ferros em braço. — «Castiga-o, queima-o,» — bradavam os espectadores inhumanos; — «elle não se atreve a atacar, elle tem medo de se fazer matar.»

A sorte do combate nem sempre era a mesma. Umas vezes um dos adversarios cahia ferido mortalmente; estrondoso successo para o vencedor. Outras vezes, após uma porfiada lucta, nenhum dos dous luctadores estando gravemente ferido, suspendia-se a lucta e ambos sahiam da arena. Muitas vezes, porem, um dos gladiadores estava de tal forma ferido que não podia continuar a lucta. Se estava farto de viver deixava-se morrer; se, porem, assim não succedia, deitava-se no sólo e levantava o braço implorando misericordia. Os espectadores agitavam os lenços e, se erguiam o dedo indicador, estava concedida a misericordia; se com o dedo indicador apontavam para o sólo não havia misericordia; o vencedor devia pôr termo á vida do vencido.

A certa altura do espectáculo a arêna achava-se juncada de cadaveres, que era indispensavel remover. Então escravos com o vestuario e mais adereços proprios de Charonte ou, ainda, imitando Mercurio, vinham remover os cadaveres; e, para se certificarem de que realmente eram já cadaveres, chegavam-lhes ferros em brasa. Certos de que os gladiadores estavam bem mortos collocavam os cadaveres sobre padiolas, ao mesmo tempo que com pás de ferro removiam a areia ensanguentada, e espalhavam nova areia sobre o sólo.

Os espectaculos podiam durar dous, tres e até oito dias. O exito do espectáculo dependia do numero de gladiadores mortos; quanto mais sangue corresse, quanto maior fosse o numero de mortos, menos receio tinha o Cesar que o povo se occupasse em analysar os actos do governo. Diz-se que o comediante Py-lado dissera um dia a Augusto: — E' para teu interesse, Cesar, que o povo se occupa de nós; quando os romanos se divertem não teem occasião de discutir os actos do poder; saber distrahi-los é o grande segredo da popularidade.»

Outra ordem de espectaculos era constituída pela lucta de homens com feras. A estes luctadores chamavam-se, — *bestiarius*. — Vestidos com

uma simples tunica, sem capacete, nem couraça e apenas armados com uma lança e, algumas vezes, uma espada, a sua força estava no seu sangue frio e na sua destreza. Estes espectaculos pódem, sem exaggero, considerar-se a origem das corridas de touros tão bem aceites entre os povos da peninsula iberica. Parece que, felizmente, vão acabar entre nós; já não é sem tempo.

Se tinham de combater um urso vibravam-lhe um sóco na cabeça; para vencer um leão lançavam-lhe uma capa pela cabeça para lhe tapar os olhos; contra touros empregavam pannos encarnados para os irritar; e, enquanto os cavalleiros perseguiam o animal atravez da arena, os bestiarios, seguiam-no, atormentavam-o, quando elle estava exausto, matavam-no.

Iniciadas as perseguições aos christãos no reinado do devasso e sanguinario Nero serviram os circos, algumas vezes, para estes espectaculos cuja classificação não se póde obter no dicionario da lingua. E ninguem descreve, com mais vivas côres, o que foram taes espectaculos como o nosso immortal Antonio Vieira naquelle monumental sermão de Todos os Sanctos. Eis como elle descreve os martyrios dos primitivos christãos: — «Se entro no amphitheatro de Roma vejo-vos lançados ás feras, ou lançados aos Neros, aos Decios, aos Dioclecianos, aos Trajanos mais feros do que as mesmas feras. A muitos de vós reverenciariam os leões, os ursos, os tigres; mas a nenhum perdoou a vida a impiedade mais que brutal dos tyrannos, sempre mais obstinados e furiosos. As pedras de Estevão, as settas de Sebastião, as grelhas de Lourenço e Vicente, já eram tormentos vulgares. Que machinas e invenções não excogitou a servicia, raivosa de vencia, para combater e tentar a vossa fortaleza? A uns martyres penduravam pelos cabellos ou por um pé, ou por ambos, ou pelos dedos pollegares e, assim no ar, e despidos, com azorragues de nervos rematados em pelótas de chumbo, ou abrolhos de aço, os batiavam e martelavam com tal força e continuação, os crueis e robustos algôses, que ao principio açoitavam corpos, depois feriam as mesmas chagas, ou uma só chaga, até que não tinham que apontar, nem ferir. A outros estirados e desconjunctados no ecúleo, ou estendidos na casta, aravam ou cardavam os membros com pentes ou garfos de ferro, a que propriamente chamavam escorpões, ou mettidos debaixo de grandes pedras de moínhos lhes espiam, como em lagar, o sangue, e lhes moiam e imprensavam os ossos, até ficarem uma pasta confusa, sem figura, nem semelhança do que dantes eram. A outros cobriam todos de pés, resina e enxofre e, ateando-lhes o fogo, os faziam arder em pé, como tochas, ou luminarias nas festas dos idolos, esforçando-os para este supplicio com lhes dar a beber chumbo derretido. A outros, nos mais rigorosos frios de inverno, mettiam em tanques enregelados com banhos de agua quente á vista, e liberdade de de se passarem a elles, para que enfraquecesse o remedio os que não venciam o tormento. A outros cosiam em couros juntamente com serpentes e cães damnados, e assim os lançavam ao mar, para que naquella

estreita, medonha e asquerosa prisão, primeiro acabassem mordidos e atassalhados dos dentes venenosos, do que afogados nas ondas. A outros escallavam vivos pelos peitos, e lhes arrancavam o coração e entranhas palpantes, ou lhes atavam as mãos e pés a quatro grossos ramos de arvores, dobrados á força, e, soltos, ao mesmo tempo, com que subita e violentissimamente os despedaçavam em quartos. A outros assentavam em cadeiras de ferro afogueados, a outros faziam andar descalços sobre laminas ardentes, a outros metiam em caldeiras de azeite e alcatrão fervendo, a outros em bois de metal abrasado, a outros em fornalhas de chammas vivas. E tudo isto soffriam e supportavam aquelles valerosos cavalleiros de Christo, não só com paciencia e constancia, mas com jubilo e alegria.»

Cecrops.

Separação da Igreja do Estado

O sr. Ministro da Justiça mandou publicar o seguinte edital:

«Considerando que a lei de separação tem sido attribuidos intuitos que ella não teve em vista nem resultam das suas disposições que são claras e precisas; considerando que só os inimigos das instituições que desejem perturbar a ordem e o progresso da Republica podem ter interesse em enganar o povo ensinando-lhes doutrina contraria á consignada nessa lei, que o emancipou da oppressão politico-religiosa, garantindo-lhe a mais completa liberdade de consciencia na pratica do culto; declarase:

Para o effeito da concessão gratuita das igrejas, moveis e alfaias destinadas ao culto catholico, as cultuaes podem organisar-se até 31 de dezembro de 1912. Emquanto as cultuaes se não organisarem para aquelles effeitos, o culto pode continuar a exercer-se pela mesma forma, porque o tem sido até hoje, por intermedio de agrupamentos cultuaes transitorios.

Estes agrupamentos, como as cultuaes que se organisem tem que reservar para a beneficencia e assistencia a pequena parte que a lei estabelece, quer dizer um terço pelo menos do que recebem para os fins cultuaes ou um sexto, se tiverem de prover ao sustento e habitação do ministro do culto.

Tanto as corporações que se constituirem para se encarregarem do culto como as que já existam e d'elle se encarregarem, e tambem as Misericordias, Confrarias, Irmandades, Ordens Terceiras, etc., que do mesmo culto parochial se não queiram encarregar, tem todas a livre administração e applicação dos seus rendimentos, sejam estes consignados ao culto sejam destinados a assistencia e beneficencia.

Os actos de assistencia e beneficencia serão portanto praticados directamente por essas corporações; e assim ellas podem socorrer os pobres e doentes, exercer a caridade, auxiliar os desprotegidos e creanças pobres das escolas.

E, portanto, evidente que a lei de separação não prohibe o culto, nem ataca as religioes, e evidente é tambem que o Estado não quer, como alias de má fé se tem dito, tomar conta dos bens ou rendimentos das mencionadas corporações, que se harmonisem com a lei de separação.

Ainda quando até 31 de dezembro de 1912 se não organisem as cultuaes em algumas freguezias ou irmandades nestas existentes queiram encarregar-se do culto, pa-

rochial, nem por isso o Estado fechará as suas igrejas onde estejam, por direito ou uso antigo, erectas irmandades e confrarias, as quaes poderão continuar a exercer o culto por intermedio dos seus ministros privativos.

Se as igrejas forem abandonadas pelos parochos ou estes não quizerem cumprir os seus deveres para com os fieis que lh'os reclamem, a culpa é sómente dos ministros da religião, pois a Republica em nada concorre para isso, antes faculta por todas as formas, a maior liberdade de consciencia e culto.

NOTICIARIO

INFORMAÇÃO LOCAL

Subscrição a favor do sr. José Rodrigues Felizardo, digno carteiro d'esta freguezia, que se encontra enfermo ha muitos mezes:

- Alfredo C. Magalhães . . . 2\$500
- Sebastião C. Magalhães . . . 500
- José C. Magalhães . . . 1\$000
- A. Liborio Rocha . . . 500
- Um anonymo . . . 3\$000
- Alexandre Fernandes . . . 1\$000
- Cyrillo Larangeira . . . 1\$000
- Manuel Gomes Marques . . . 500
- José Gomes Marques . . . 500
- Manuel dos S. Vagueiro . . . 500
- João Luiz F. d'Abreu . . . 500
- Dr. Orlando Rego . . . 2\$005
- Anonymo . . . 3\$280
- Antonio C. Magalhães . . . 1\$000
- João Evangelista P. de Figueiredo . . . 500
- Silverio Gonçalves Cunha . . . 500
- Manuel Rodrigues Vieira . . . 2\$500
- Pio Ferreira dos Santos . . . 1\$000

Dando as Boas-festas — Um dos nossos mais prezados conterraneos e dos maiores amigos do *Correio do Vouga* pede-nos a publicação do seguinte:

«No dia 1.º percorreu todas as ruas d'esta villa a afamada banda de musica do maestro Manuel Marques Serrador (o Magro) executando com todo o gosto a *Portuguesa*, a *Maria da Fonte*, e outras peças do seu variadissimo repertorio, entre as quaes se destacou uma variação de requiãta com o nome — *Esta é do mestre*.

Porque todos os executantes são extremamente devotos, não passaram por igreja nenhuma onde não parassem. Na do santo Paulo, prégaram os srs. José Fernandes de Araújo e José Caldiño, sendo ambos muito applaudidos.

Deve-se este bello passatempo, aos empregados da linha do Valle do Vouga, aqui residentes, entre elles o digno chefe da estação, sr. Gil da Silva Rezende, que para isso pediu licença, e ainda ao sr. Lucio da Costa Santos, bemquisto commerciante, que offereceu aos musicos e a outras pessoas uma variada ceia.»

Correio do Vouga — Por ter sido *Dia de Reis* no sabbado, só hoje nos foi possível publicar o nosso jornal.

D'alem-mar — Acabamos de receber noticias, que muito estimamos, do nosso prezado conterraneo sr. Manuel Rodrigues Vieira e do seu irmão Pio, residentes em Lourenço Marques (Africa Oriental). Enviaram-nos, para a subscrição aberta neste jornal a favor do antigo carteiro José Rodrigues Felizardo, respectivamente 2\$500 réis e 1\$000 réis. Em nosso nome e no do beneficiado, agradecemos a ambos a sua generosa lembrança.

Exequias — Realisaram-se hoje, os officios do sétimo dia por alma da sr.ª D. Maria Thereza Rodrigues de Figueiredo. Assistiram muitas pessoas d'aqui e dos logares visinhos. No fim do acto religioso, foram distribuidas esmolas de 200 réis, a muitos pobres.

Baptisados — Realisou-se, ultimamente, o baptismo das seguintes creanças:

Rosa, filha de Maria Morgada. Padrinhos: Eduardo Martins Miranda e Rosa Marques de Jesus; Maximina, filha de Sebastião do Roque. Padrinhos: Manuel Pombo e Helena Dias Baia;

João, filho de Maria Sobreira. Padrinhos: João Saloio (filho) e Augusta dos Santos Vagueiro.

Estadas — Têm estado entre nós a sr.ª D. Maria Izabel Pereira de Lemos e filhos, e os srs. Jayme Saldanha, esposa e filho João, e João Baptista Saldanha e esposa.

Partidas e chegadas — Chegou do Brazil, com saude, o que muito estimamos, o sr. João Marques da Graça.

— Já retiraram para Lisboa, Porto e Coimbra, os estudantes que vieram passar com as suas familias as festas do Natal.

Anniversarios — Faz annos, no proximo dia 11, o sr. Manuel Prat, filho do nosso amigo sr. José Prat, digno empregado da Caixa Economica d'Aveiro. Muitos parabens.

Doentes — Está doente a sr.ª D. Lia Baptista Marques Jamvelho, esposa do sr. Manuel Marques Jamvelho.

— Tambem tem passado incommodada a esposa do sr. Innocencio Coelho de Magalhães.

Desejamos a ambas, rapidas melhoras.

PELO DISTRICTO

Representação — As commissões parochias das freguezias d'Alquerubim e S. João de Loure enviaram a seguinte representação ao ex.ºº Ministro do Interior:

«Ex.ºº sr. Ministro do Interior — As commissões parochias das freguezias de Alquerubim e S. João de Loure, interpretando o sentir de todos os seus habitantes, veem junto de v. ex.ª protestar com toda a vehemencia contra a sua pretendida annexação judicial e administrativa, ao concelho de Agueda, conforme a representação dos interessados d'este concelho. Tal pedido briga com a mais simples analyse a que seja submettido, pois traria o seu deferimento graves transtornos e dispendio a estes povos.

A nove kilometros da sua antiga sede concelhia, Albergaria-Velha, tendo regulares estradas a percorrer, além de interesses pessoais e commerciaes ha muito e em larga escala ali estabelecidos, attingiria as proporções d'um crime se, desprezado o direito e justiça que nos assiste se obrigassem os povos dos referidos logares a irem á distancia de 13 kilometros, sujeitos ainda á travessia do rio, tantas vezes e por longo tempo impossivel de transpôr, para obter e conseguir o que presentemente com pouco dispendio de tempo e de dinheiro facilmente conseguem. Muitas outras razões que reputamos impertinentes referir se poderiam mencionar mas, mais que sufficientes, consideramos aquellas que aqui consignamos e que temos a antecipada certeza hão de por certo bem fundo calar no espirito esclarecido e justiceiro do illustre ministro do interior, nas mãos de quem, confiadamente depositamos a justiça indiscutivel da nossa causa.

Saude e fraternidade
HCA. commissão.»

Consortio — Realisou-se, ha dias, em Nariz, o consortio do sr. Pompeu da Costa Pereira, digno commerciante em Aveiro, com a sr.ª D. Ernestina da Conceição Rocha, illustrada professora no Troviscal (O. do Bairro). A noiva, é uma senhora gentilissima e de fina educação, e o noivo é digno d'ella pelas suas ex-

cellentes qualidades de espirito e de caracter.

Desejamos-lhes as mais radiosas venturas.

Estadas — Esteve, hontem, no Porto, de visita ao director do *Correio do Vouga*, o nosso amigo sr. José Gonçalves Diniz, importante proprietario no visinho logar d'Azurva.

QUESTÕES D'ALIMENTAÇÃO

D'um artigo que o sr. João de Menezes publicou, ultimamente, na *Lucta*, transcrevemos os seguintes dados estatisticos:

«Em França augmentou o custo do pão, da manteiga e dos ovos. O hectolitro de vinho, que nos departamentos do sul se vendia em 1908 a 7 ou 8 francos, subiu a 35 e mesmo a 42 francos e, actualmente, ainda custa entre 25 e 28 francos.

A renda das casas augmentou nos ultimos annos de 5 a 10 por cento em Paris e nas grandes cidades. Mas succederá isto apenas em França? Peor está acontecendo na Allemanha, a avaliar pelo que dizem, nos seus relatorios, enviados ao Reichstag, algumas corporações commerciaes e agricolas. Assim, nesses relatorios se verifica que, nos ultimos trinta annos, a carne de vaca subiu de 53 por cento, a de vitela 72 por cento, a de porco 41 por cento, o leite de 12 por cento, a manteiga de 38 por cento, a banha de 36 por cento e até o pão subiu de 6 por cento. Nos ultimos tres annos, sobretudo, a carestia tem-se accentuado por forma assustadora, principalmente nos cereaes.

O que succede na Allemanha succede tambem na Austria e na Russia. Mas mais digno de attenção é o que se passa na Inglaterra. Este paiz, que comunica mais facilmente e mais livremente com todos os paizes productores, soffre da carestia da vida como poucos. Desde 1896, a carne de vaca subiu em Londres de 23 por cento, a de carneiro 16 por cento, a de porco 12 por cento, e a banha de 77 por cento, o pão 23 por cento e os ovos 22 por cento.

Do conjunto das investigações feitas pelos estatisticos inglezes, incidindo sobre o preço global das 22 principaes mercadorias nos mercados de Londres e de Manchester, resulta que a media da vida, nos ultimos vinte annos, tem subido de 14 por cento.

Na Belgica verifica-se tambem o phenomeno da carestia, que em Hespanha subsiste, apesar da supressão dos direitos de consumo, reclamada em altos gritos, e agora considerada por muitos honrados politicos como medida inutil, pois não favoreceu os consumidores e prejudicou as finanças municipaes e provinciaes.

Nota comica

Um sujeito narrava, com palavras de pezar e magua, a outros individuos os episodios tragicos que resultaram dumas inundações na India ingleza, e nas quaes os elephantes foram uns generosos fauctores na conducção das victimas d'essa catastrophe.

Um dos ouvintes, rapaz ainda, e com pretensões descabidas de sabedor e letrado, interroga, trazendo anciedade e commoção:

— E os cadaveres mortos iam para a morgue?

Escusado será dizer que uma estrondosa gargalhada echoou no espaço e um sem numero de ironicos commentarios torturavam os ouvidos do philosopho rapazola.

A NOVA HORA

D'A Lucta:

Desde ha muito tempo que os sabios e os philosophos têm pretendido estabelecer na Terra uma hora universal, a mesma entre todos os povos e para todos os meridianos, com o fim de facilitar as communicações de toda a ordem entre os mesmos povos. Mas este «desideratum» dos philosophos era inexecuavel na pratica em razão de discordancias e anomalias que d'ahi deviam resultar. Por exemplo, se fosse adoptada em toda a terra a hora do Observatorio Astronomico de Greenwich, resultaria a anomalia de, ao ser meio dia neste meridiano, ser tambem meio dia em Bombaim e outros pontos com o Sol quasi no occaso e a de ser meio dia em Chicago e outros pontos com o Sol quasi no seu nascimento, etc. Por isso, este «desideratum» dos philosophos foi posto de lado.

Entretanto, augmentando dia a dia a facilidade das communicações entre os povos e respectivas nações por meio das linhas ferreas, linhas telegraphicas e pelos paquetes de grande velocidade, reconheceu-se que, qualquer que fosse o processo a empregar, se tornava de urgente necessidade a substituição da hora especial de cada localidade e de cada nação por uma outra hora que fosse de facil comparação com a hora das localidades e nações visinhas e bem assim com a hora de todas as localidades e nações da Terra.

Foi principalmente nos Estados Unidos do Norte que mais intensamente foi sentida essa necessidade. Este rico e vastissimo paiz, possuindo grande numero de linhas ferreas que o cruzam em todos os sentidos e pertencendo estas linhas a differentes companhias, tendo cada uma dellas a sua hora especial, estava sujeito a uma indescriptivel confusão na contagem das horas em todas as suas variadissimas communicações.

Para se poder avaliar esta confusão, bastará dizer que naquelle grande emporio commercial chegaram a existir mais de setenta e quatro horas regulamentares differentes nas diversas linhas ferreas, succedendo contarem-se no mesmo meridiano quatro, cinco e mais horas diversas. Como exemplo não menos convincente, podia tambem ser citado o lago de Constança ao lado dos Alpes, onde eram contadas cinco horas officiaes differentes nas cidades e povdações menores situadas nas suas pittorescas margens. Estes e muitos outros exemplos provam em toda a evidenciação quanto grande devia ser por toda a parte a confusão na contagem do tempo.

Antes mesmo de nos Estados Unidos ter sido tomada qualquer resolução, já a Suecia e a Noruega em 1879 tinham dado esse passo importante no progresso, estabelecendo a nova hora. Só passados quatro annos, isto é, em 1883, é que os Estados Unidos se resolveram a adoptal-a. Tres annos depois, em 1886, o Japão, sempre prompto a seguir na esteira da civilização, adheriu sem reluctancia a uma tão util reforma da contagem do tempo.

Seguiram-se quasi todas as nações do centro, norte, sul e leste da Europa; e no dia 1 de fevereiro de 1901, a Hespanha adoptou tambem a nova hora.

Quatro annos antes, em 1897, a Camara dos Deputados de França tinha votado por maioria que neste paiz fosse adoptada a nova hora, mas o Senado francez não deu então o seu voto, e só, passados quatorze annos, em 10 de fevereiro de 1911, é que tambem por maioria deu finalmente a sua approvação a uma medida de tanta utilidade. Actualmente ha na Europa apenas uma nação que se

Quartel dos Paulistas onde ficou preso, tendo sido levado mais tarde para o Quartel do Carmo.

Foram já distribuídos no tribunal da Relação de Lisboa, os agravos dos despachos de pronuncia dos srs. Luiz Perestrello, director geral do ministerio da Fazenda, e Gomes d'Araujo, thesoureiro do mesmo ministerio: do 1.º é relator o sr. Teixeira d'Azevedo, e do 2.º, o sr. Almeida Fernandes.

Foram tambem distribuídos os agravos do ministerio publico contra os despachos dando fiança aquelles dois arguidos, sendo relatores os srs. Veiga e Pina Callado.

Seguiu para o Funchal o batalhão de caçadores 6 de Santarem, reforçado com praças de caçadores 3 e 4, num effectivo superior a 600 homens.

ASSUMPTOS LOCAES

Realisou-se, no ultimo domingo, a distribuição de vestuario, comprado á custa da subscrição aberta neste jornal, ás creanças pobres das duas escolas officias d'esta freguezia, que foram indicadas por uma commissão de que fazem parte as respectivas professoras, sr.^{as} D. D. Clementina Barreto e Carolina Adelaide de Melle, e os srs. dr. Eduardo de Moura, padre Manuel da Cruz e Manuel Nunes de Carvalho e Silva.

O acto da entrega realisou-se, sem apparatus, d'uma maneira simples e modesta. Puzeram-se mesmo de parte os discursos, fazendo apenas o sr. padre Manuel da Cruz uma ligeira e clara allocução ás creanças, dando-lhes alguns conselhos verdadeiramente salutaros.

Por estar ausente, não assistiu o director d'este jornal, o qual recebeu, na segunda-feira, o seguinte officio, assignado por todas as creanças contempladas:

Nós, abaixo assignados, alumnos das duas escolas da freguezia d'Eixo que acabamos de ser contemplados com vestuario, vimos por este meio testemunhar a V. Ex.^a o nosso mais profundo reconhecimento como principal iniciador d'esta obra de caridade e pedimos tambem a V. Ex.^a que em nosso nome transmita a nossa gratidão a todos os subscriptores, muito em especial aos srs. Saldanhas.

Bem haja sempre quem se lembra dos pobres.

Eixo, 1 de Janeiro de 1911.

A. que se deve a superioridade do Japão

Quando em S. Petersburgo se romperam as negociações entre a Russia e o Japão, e antes mesmo que se tivesse dado o ataque nocturno a Porto Arthur, perguntei eu a um dos meus melhores amigos, que não ha muitos annos excursionára pelo Extremo Oriente:

— Que propheta d'esta guerra? Sem hesitar, o meu amigo respondeu:

— Vence o Japão.

A mim e a algumas outras pessoas que se achavam presentes, esta affirmacão pareceu-nos muito mais um palpite do que um juizo, e todos á uma nos desfizemos em pontos de exclamação.

Eva Marques
Irene Rodrigues Ferreira
Beatriz Marques
Rosa Barbosa
Leopoldina Magalhães
Antonia Marques
Rosa Barbosa de Magalhães
Annarolina Nunes da Silva
Maria da Costa Martinho
Maria Gracinda Rodrigues Felizardo

Augusto Cotelúdo
Manuel Simões
Aurelio Bai
Guilherme da Costa Santos
Ricardo Léria
Manuel Fernandes Cypriano
Avelino Ferreira Barbosa
Manuel Fernandes da Silva
Augusto Amado Dias Seabra
Amaro Marques Flamengo
Thomé Dias
Leonel Ferreira Marques
Herculano Rodrigues Felizardo

Pela nossa parte, cumprenos agradecer muito penhoradamente a todas as pessoas que receberam bem a nossa iniciativa e a tem auxiliado, não podendo deixar de especialisar os nomes da sr.^a Maria Lucia dos Reis e Lima e dos srs. dr. Eduardo de Moura, Avelino de Figueiredo e Manuel Saldanha. Encontramo-nos todos, bem o crêmos, animados da melhor boa vontade para continuar a obra encetada. Pela nossa parte a isso nos dedicaremos com todo o carinho e com todo o entusiasmo.

Venda de propriedades

David Ferreira da Rocha vende todas as que possui em Eixo, Oliveirinha e Azurva.

Os pretendentes podem procura-lo em Eixo, ou em Aveiro no quartel.

NOTICIARIO

Fallecimentos — Falleceu em Requeixo a filha mais velha do importante proprietario sr. Manuel Francisco Athanasio de Carvalho a quem acompanhamos na sua graade dôr.

— Falleceu no dia 5, pelas onze horas da noite, uma menina de 3 annos, filha do nosso conterraneo sr. Francisco de Oliveira Lopes e da sr.^a Thereza de Jesus a quem enviamos sentidos pesames.

Certo, nós não ignoravamos os progressos do Japão. O Japão militarizara-se. Já na guerra com a China dera signal de si. Os seus officiaes percorriam incessantemente a Europa. Nas escolas militares topava-se a cada passo com esses amarellos de olhos obliquos, que queriam civilisar-se. D'estes progressos não havia ainda, porém, uma demonstração decisiva. O Japão seria quando muito uma futura potencia militar e naval, mas em que ainda remoto futuro?

Ignorancia?
Sem duvida! Ignorancia, é certo, mas tambem superstição.

O orgulho europeu não consentiu ainda, ou só ha pouco tempo começa a consentir, que a civilisação lhe não pertença exclusivamente. A America já o fez dividir, embora com algumas restricções, o

Despedida—Como dizemos n'outro logar, seguiu para Tancos o nosso amigo sr. David Francisco Moita que nos pede a publicação da seguinte

DESPEDIDA

David Francisco Moita, tendo de retirar-se por algum tempo d'esta localidade, e não podendo despedir-se pessoalmente dos seus amigos e dos seus conterraneos, fá-lo, por este meio, offerecendo a todos o seu limitado prestimo em Tancos.

David Francisco Moita.

Instrucção Primaria

Foram creadas as seguintes escolas primarias: masculinas, em Fogueira (Anadia) e em Aveiro, freguezia da Vera Cruz; femininas, em Arada e Verdemilho (Aveiro); e mixtas, em Loure (Albergaria-a-Velha), Santo Amaro (Estarreja) e na Povoia do Vallado (Aveiro).

Foi provida definitivamente na escola feminina de Bellazaima (Agueda) a sr.^a D. Rachel de Carvalho Estima, que desempenhava o logar de professora-ajudante da escola de Fermentellos.

Muitos parabens.

Roubo — Na noite de 5 para 6 do corrente assaltaram a mercearia do nosso prezado amigo e conterraneo sr. José Fernandes Mascarenhas, levando-lhe todo o tabaco que encontraram e fazendo-lhe grande prejuizo em ovos e em outros generos.

Ainda não se descobriram os gatunos, sendo necessario que as respectivas auctoridades procedam a todas as averiguações possiveis afim de evitar que mais um crime fique impune nesta terra.

Alexandre Vidal—Foi collocado na Escola Central de Aveiro o nosso prezado amigo e distincto professor, sr. Alexandre Vidal, que ha dez annos exercia o magisterio official na vizinha freguezia de S. João de Loure, onde era vivamente estimado, sendo, por isso, muito sentida a sua saida. Da simphathia e justa consideração que o sr. Alexandre Vidal gosava em S. João pôde avaliar-se pelas seguintes palavras, que pertencem ao nosso amavel correspondente n'aquella freguezia:

E' com verdadeira magua que hoje damos aos leitores do

privilegio da civilisação. Ninguém ignora que a Europa sorri ainda, por exemplo, á civilisação yankee, que considera improvisada e absurda. Estas concessões fizeram-se, no entanto, por solidariedade de raça, e o orgulho europeu, se é feito da consciencia da hegemonia europeia na obra actual da civilisação, é feito tambem de preconceitos de raça. A civilisação, no conceito da Europa—é a raça branca.

Em vão a historia assignala a existencia de civilisações anteriores á civilisação europeia, que foram exercidas com esplendor por individuos de outras raças. A europa não as reconhece senão a titulo erudito e não attribue ás raças que as promoveram, outro privilegio social que não seja o de as documentar num ponto de vista meramente ethnologico.

«Correio do Vouga» a noticia da saida d'esta freguezia do nosso querido amigo e respeitavel professor sr. Alexandre Vidal que acaba de ser collocado na Escola Central d'Aveiro, tendo tomado já posse da sua cadeira.

O sr. Vidal que, durante dez annos, aqui sacrificou a sua saude, trabalhando pela Republica, Instrucção e Humanidade, fundando escolas, bibliothecas, cursos nocturnos, uma associação de beneficencia para as creanças pobres, tomando a iniciativa da construcção d'um cemiterio que, infelizmente ainda está por realizar; quiz ainda, antes de sahir, ligar o seu nome a esta terra por mais um acto de generosidade, lançando as bases de uma associação d'auxilio a velhos e invalidos, para cujo fundo cedeu o seu ordenado, do ultimo mez, na importancia de 1603000 reis.

O sr. Vidal que, pelo seu trabalho, civismo, e sentimentos humanitarios, revolucionou, pôde dizer-se, um povo, vae descançar, agora, um pouco das suas arduas fadigas, prometendo, todavia, não esquecer-se nunca de S. João, por cujos melhoramentos materias e moraes trabalhará sempre.

Lamentamos do fundo d'alma a saida do nosso prezado amigo, e, em nome d'uma povoação que tanto o estima e considera damos-lhe, com profundo reconhecimento, um saudoso abraço de despedida.—C.

A' ultima hora

Quasi á hora do nosso jornal entrar na machina, lemos no «Primeiro de Janeiro» d'hontem a seguinte communicacão enviada de Lisboa aquelle diario pelo telephone.

Telegramma agora mesmo recebido de New-York diz que o chefe dos marinheiros revoltosos da esquadra do Rio de Janeiro—o preto João Candido—e mais 44 marinheiros, morreram esta manhã «subitamente» n'aquella cidade.

Correio do «Correio,»

Sr. José Joaquim da Costa—Lisboa—Muito e muito obrigado pelas suas boas palavras.

Além d'estas superstições corriam no juizo que ainda ha pouco se formava do Japão, um sem numero de superstições de character litterario e artistico. Os viajantes, por via de regra, não são affectados senão por impressões exteriores. A primeira coisa que se se faz, por exemplo, quando se visita pela primeira vez uma nação, não é reconhecer as suas instituições, mas apalpar as suas camas. Ajuiza se muitas vezes do grão da civilisação dos povos pela flaccidez dos seus colchões. Os viajantes letrados que percorriam o Japão, não nos traziam d'ali senão exotismo e paizagem. Já a tradicção da arte japoneza nos mantinha na imaginação á ideia de um Japão de loja de chá. O Japão estava-nos sempre presente sob mil formas graciosas e inoffensivas. Mesmo os escudos guerreiros eram

SECÇÃO LITTERARIA

Melodia nocturna

Podessem minhas lagrimas caindo
Quando a minha Alma no silencio chora
E enquanto, meu Amor, estás dormindo,
Dar-te um bom sonho pela noite-fôra:

Podesse eu ir chorando e tu sorrindo,
Toda a noite eu chorava até á hora,
Em que, o exausto corpo descaindo,
Meu rosto desmaiasse á luz da Aurora.

Secara entam as lagrimas... só quando
Se apagam as estrellas moribundas.
A voz dos rouxinóis vai desmaiando,

—Já o nocturno encanto se desfez—
E as almas silenciosas e profundas
Voltam á melindrosa timidez.

O teu berço

Bem como a ave que entrelaça o ninho
Este meu coração puz-me a ageita-lo
E á força de disvelos e carinho
Fiz um berço tam bom, que é um regalo...

Depois fui lá deitar-te com geitinho
E todo o dia e toda a noite o embalo
E o berço bate, bate... de mansinho...
Que eu puz a vida toda em abana-lo.

Anda... socega... dorme um lindo somno.
Que nunca a Dôr da Vida te desperte.
Que nunca o berço fique ao abandono:

Meu coração fonte de Vida e Arte,
Se sente, canta só p'ra adormecer-te:
Se pulsa, abana só para embalar-te.

(D'A Aguia) Jayme Cortezão,

NOTICIAS PESSOAES

Anniversarios

Pelo seu anniversario natalicio, que passou na sexta feira, felicitamos a sr.^a D. Margarida de Lemos Magalhães, gentil filha do sr. conselheiro Luiz de Magalhães,

Partidas e chegadas

De S. João de Loure, onde estive de visita á sua familia, retirou para o Cartaxo o sr. Manuel Simões Serralheiro.

—Retirou para Lisboa o nosso illustre vmigo sr. Capitão-tenente Jayme Affeixo.

Estadas

Encontra-se em Tancos o nosso amigo sr. David Francisco Moita, da Costa de Vallado.

ABC illustrado

por

ANGELO VIDAL

de xarão. Madame Chrysanthème, para não citar outro d'esses livros apressados e levianos, a que se dá o nome de *livro de viagem*, não fez senão avolumar no nosso espirito essa noção desconforme de um Japão encantador, mas, em resumo, de papel pintado. Como acreditar que por detraz d'essas leves folhas de seda se preparava robustamente uma civilisação?

Outra razão havia, porém, que não nos deixava ver claro na obra da civilisação japoneza, e essa razão era—outra superstição!

O europeu só considera o homem em via de civilisar-se quando elle traja á europea. Na civilisação só é permitido entrar de chapéo alto. Resistir ao chapéo alto é resistir á civilisação. Os japonezes estavam neste caso, e que pensar dos progressos de um povo que não

Agricultura

O enxofre

E' conhecida desde a mais remota antiguidade este producto natural, que se encontra nos tres reinos da natureza, combinado com outros elementos.

Foi Lyton quem desde o principio aconselhou o emprego do enxofre contra os fungos.

O emprego do enxofre aconselha-se com resultado não só no combate contra a doença conhecida sob o nome de oidium tuckeri, como tambem no combate victorioso do tratamento de certas doenças das plantas e das arvores fructíferas.

Assim o branco dos cereaes (Erysiphe graminis) que ataca, como o nome indica, os cereaes, centeio, cevada, trigo, etc., combatido com o maximo resultado com o emprego do enxofre.

Esta doença, é tambem chamada oidium monilioides, tendo sido assignalada na America, principalmente na California; por ter causado em 1877 prejuizos considerabilissimos nos trigoes.

Em 1885 e 1889 foram os trigoes de Stockolmo por ella devastados de um modo assustador.

Segundo Millieux e Delacour, as ceáras teriam sido devastadas por completo se não se lhe tivesse embargado o passo com as applicações do enxofre.

Nas hortas, por exemplo, tambem as ervilhas são algumas vezes atacadas por um branco que prejudica a colheita, o mesmo succede com os trevos e lusernas, tendo recebido o parasita referido o nome de oidium Erysiphoides ou Erysiphe oidium Erys.

Quando se pretenda salvar a colheita torna-se necessario empregar o enxofre logo em seguida ao terem-se manifestado as primeiras manchas nas folhas.

As roseiras são tambem atacadas (a que vulgarmente se dá o nome de branco das roseiras) e a doença ali se apresenta sobre os rebentos novos e os botões das flores.

Esta especie de oidium ataca tambem os pecegueiros, estendendo a sua feltagem branca e pulverulenta sobre os fructos, interrompendo-lhes o crescimento ou destruindo até, quando muito energico, a colheita, obstando-se a isto com o emprego do enxofre em pó muito fino.

O Erysiphe macularis é um parasita que ataca frequentemente

só resiste ao chapeo como igualmente resiste á calça de casemira? E' justo acreditar na entrada, na scena politica, de uma potencia que ainda não se nivelou pelo typo commum dos cheviotes da casa Godchaux? Os jornaes illustrados davam, é certo, uma ou outra vez á estampa um ou outro retrato do imperador do Japão, trajando uma farda em tudo semelhante á dos nossos generalissimos, mas as nossas prevenções não nos deixavam ver nessa farda senão uma ridicula imitação dos costumes europeus. Quando o marquez de Ito começou a tornar-se popular na Europa envergando uma sobrecasaca preta, a Europa riu a bandeiras pretegidas.

A Europa é assim.

A formal asseveração do amigo meu a quem me referi, surprehen-

os melões e outras curcubitaceas, combatendo-se victoriosamente com o emprego do enxofre.

Como se vê do que acabamos de expôr, o emprego do enxofre tem logar em numerosissimos casos, na agricultura, servindo no combate de numerosos cogumellos e fungos, de numerosa composições de diversos remedios criptogamicos.

Com o seu emprego tem-se conseguido melhorar bastantes produções.

Cardoso Guedes.

DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

Lisboa, 5

Ha dias, passando junto da calçada dos Paulistas, fiquei surprehendido, ao ver uma enorme quantidade de gente e algumas praças da guarda republicana em frente da igreja de Santa Catharina.

Approximei-me e informaram-me de que se tratava do casamento do sr. Antonio Marques da Silva, de Canellas, mais conhecido por Antonio Adão, e da sr.ª D. Maria Augusta de Souza Barbosa, natural de Fermelã e filha do sr. Manuel Carrão e da sr.ª D. Iria Barbosa.

Os noivos eram acompanhados por grande numero de pessoas amigas e das suas relações que chamavam um cortejo lindissimo, que chamou a attenção dos curiosos que compareceram em tal numero que foi preciso interromper por algum tempo o serviço dos elevadores na Estrella.

No fim do acto religioso, regressaram os noivos á sua residencia, onde os esperavam grande numero de lindas raparigas da Praça das Flores, com açafates cheios de rosas.

Terminada esta tocante manifestação de sympathia, foi servido em casa dos noivos um dedicado copo d'agua aos convidados e, mais tarde, um esplendido jantar de mais de quarenta talheres e a que assistiram, entre outros, os srs. Joaquim Rodrigues Correia de Mello, José Maria de Sousa Neves, Antonio Marques da Silva e sua esposa D. Maria Pires Tavares, Eduardo Marques da Silva, José Maria da Silva e esposa D. Laura da Silva Mortagua, Antonio Dias de Mello, Anna da Silva Dias, José Ribeiro Fidalgo e esposa D. Rosa Henriques, Manuel Joaquim Pires Tavares e esposa, etc.

Tem passado bastante incommodado de saúde a sr.ª Anna Dias da Silva a quem desejamos rapidas melhoras.

N. da R.—Por ter chegado tarde á nossa mão não podemos publicar na integra a correspondencia do nosso prezado correspondente em Lisboa.

Aproveitamos a occasião para pedir aos nossos obsequiosos correspondentes o favor de nos mandarem os seus originaes até sexta-feira de cada semana.

Thomar, 6

Chegou aqui, vindo de S. João de Loure, o nosso prezado amigo sr. Manuel Simões Serralheiro.

Chegarão aqui alguns ciganos com tres urso e dois macacos.

São naturalmente os mesmos que estiveram ha pouco na capital, segundo lemos na correspondencia da capital para o Correio do Vouga. Contem demorar-se apenas dias. Vão-se prevenindo, portanto, os habitantes de S. João de Loure que brevemente lá os terão.

Cautella com os nubaes, não vá visitalos algum macaco, como acontece no tempo das colheitas do milho e da vindima... José Pedro.

deu-nos, porém, por outra razão ainda, que era—ai de nós!—outra superstição, e que consistia em nos parecer absurdo e despropositado que essa immensa extensão territorial que é a Russia, pudesse succumbir no seu choque com um tão mínguado territorio, como é o Japão.

Um grande territorio assume aos nossos olhos as proporções consideraveis de um grande organismo. A Russia apparecia-nos gigantesca e provida de uma força proporcional á sua estrutura athletica, do mesmo passo que o Japão era, a seu lado, um caso de rachitismo. As nações como os homens, segundo se viu, não se medem aos palmos. Nós mediamos a Russia com a mão aberta no mappa e mediamos o Japão. O Japão ficava-nos debaixo do pollegar.

Trovisal, 6

Em 31 de Dezembro proximo passado celebraram-se na igreja parochial d'esta freguezia os baptismos de dois filhinhos do sr. Manuel Antonio dos Santos, d'aqui, sendo um do sexo masculino e outro do sexo feminino. Do primeiro, que recebeu o nome de Amandio José, foi padrinho o sr. prior aposentado Adriano Ferreira Netto, actualmente residente em Basteira, e madrinha a sr.ª D. Palmira Rodrigues Moreira, de Samel.

Do segundo, a que deram o nome de Lucilia, foi padrinho o sr. Cypriano Ferreira Netto, tambem de Bustos, e madrinha a sr.ª D. Thezera de Jesus Ferreira dos Santos, professora official da escola da Poutena (Anadia).

Ao acto religioso assistiu grande numero de convidados, aos quaes foi servido em casa dos paes do neophito um luto banquete.

Tambem no dia 1 do corrente se baptisou na mesma igreja um filhinho do sr. Manuel Joaquim de Carvalho, da Povo do Forno, que teve por padrinho o sr. Antonio da Silva Branco, do mesmo logar, e por madrinha a sr.ª D. Maria Rosa Lopes da Maia, de Malhapão (Oyã), recebendo o nome de Arnaldo.

Aos compadres e bem assim a todos os outros muitos convidados, foi servido um opiparo jantar pelos paes do novo christão.

Novamente se volta a falar e com muita insistencia, na creação da escola para o sexo masculino no visinho logar de Malhapão, constando-me que d'esta vez sempre será dotado aquelle populoso logar com tão grande melhoramento. Oxalá que assim seja, porque bem necessario é.

Já retiraram para Coimbra os academicos d'esta freguezia que tinham vindo passar as ferias do Natal com suas familias.

Janeiro vae correndo muito geoso.

—Gil.

Alquerubim, 30

Tomou, hontem, posse do cargo de governador civil d'Aveiro o sr. dr. Henrique Weiss d'Oliveira, assistindo a este acto centenaes de pessoas, e levantando-se entusiasticos vivas á nova auctoridade, ao Governo da Republica, ao dr. Antonio José d'Almeida e ao sr. dr. Sebastião de Magalhães Lima, que veio expressamente de Lisboa, com os srs. Machado Santos e Antonio M. Silva.

O sr. Albano Coutinho, primeiro governador civil d'este districto com a Republica, pediu a exoneração do cargo, por os seus muitos affazeres com a administração da sua casa não lhe derem tempo para o exercer.—C.

Pelas livrarias

Da conceituada Livraria Central, de Lisboa, recebemos um folheto do sr. E. de Carvalho, intitulado Os seis primeiros capitulos do genesis.

Limitado-nos, por falta de tempo e de espaço, a annunciar a obra e a agradecer ao incansavel e illustrado editor, sr. Gomes de Carvalho, a amabilidade offerta.

GRAMMATICA ELEMENTAR

DA LINGUA PORTUGUEZA

POR

JAYME DE MELLO LIMA

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o director do jornal —R. de S. Miguel, 36— Porto.

—Considerando o mappa, disse o meu amigo, a Russia deve, com effeito, vencer; mas, repetiu, quem vence é o Japão.

E' difficil fazer penetrar no espirito alheio a convicção de certas verdades. A verdade não se faz por meio de revelação, mas pela evidencia. O meu amigo não tentou persuadir-nos e nós separamo-nos intrigados.

Os factos deram-lhe razão. Hoje que elles se consummaram, pergunta toda a gente a que se deve a superioridade do Japão.

A espantosa superioridade do Japão só a sei explicar pela espantosa inferioridade da Russia. Os jornaes francezes já fazem a fardada homicida dos japonezes. Não são os japonezes que matam; são os russos que se deixam matar. As suas derrotas são systematicas

Leituras amenas

Tendo um pregador, enfastiado o seu auditorio, com um sermão aborrecido sobre as Bemaventuranças, disse-lhe uma fidalga, á sahidá:

—O reverendo falou das Bemaventuranças; mas ainda lhe escapou uma: Bemaventurados aquellos, que não vieram hoje ao sermão!

—O pobre Nunes acaba de perder todo o dinheiro que levava consigo. Tenho pena d'elle!

—Oh! senhor! tenha, antes, pena de mim! Fui eu que l'ho emprestei.

Barnabé esta no seu escriptorio. O creado bate com os nós dos dedos na porta.

—O que é?
—O jantar na mesa.
—Não posso jantar ainda, peço de bruto! Não vês que estou a dormir?...

Um soldado francez, sendo condemnado á morte implorou a Napoleão I, que lhe perdoasse.

—Não posso perdoar-te o que me pedes, respondeu o imperador.

—Senhor, confesso ter perpetrado o crime de que me accusas e reconheço que devo ser castigado; mas o genero de morte que me destinaes é horroroso.

—Sendo só isso que te inquietta, poderei conceder-te um favor.

—Qual, senhor?
—Escolheres o genero de morte com que preferes a vida.

—Mil vezes obrigado, senhor; aceito.

—Escolhe; como queres morrer?
—De velhice.

O imperador, conhecendo o logro, poz-se e rir e perdoou-lhe a morte.

Ouvido num casamento: Dois rapazes conversam.

—Eu, realmente, sinto um grande prazer quando vejo um rapaz rico casar com uma rapariga pobre.

—Porque?
—Or! porque deixa as ricas em circulação.

No dia em que eu morrer O céu de negro estará; Na noite em que fôr p'ra valla Alguem, por mim, chorará.

O meu cantar é tristonho, Causa viva commoção: Não póde cantar risonho Quem soffre do coração!

desastres. A sua ultima batalha naval só póde ter o nome de batalha por complacente euphemismo.

A inferioridade dos russos explica-se pela servidão.

Um povo de escravos está na mão dos senhores, e passou o tempo em que o poder victorioso dos senhores conduzia á victoria. Os tyrannos de hoje são tyrannos este-reis, que da sua força não podem tirar senão oppressão, porque não ha já solidariedade com a tyrannia, mas obediencia, ou revolta—maus factores de fortuna. E a Russia é isto—obediencia, revolta.

A obra do engrandecimento dos povos modernos é o resultado da cooperacão de todos. Como cooperar a Russia? Pela servidão, pela rebelião. A Russia agraria e rural é uma horda de escravos avassalados: a Russia de Petersburgo, de Mos-

LISTA DOS SUBSCRIPTORES

Subscrição aberta a fa-

vor dos alumnos necessitados das duas escolas officaes d'esta villa e dos nossos conterraneos extremamente pobres e impossibilitados, por falta de saúde, de ganharem os meios de subsistencia.

Transporte . . . 170\$150

Padre Manuel da Cruz . . . 1\$500

José Liborio . . . 1\$000

Somma . . . 172\$650

Todos os nossos conterraneos, que queiram subscrever, podem dirigir-se á Ex.ª Senhora D. Maria Lucia dos Reis e Lima e aos snrs. Dr. Eduardo de Moura, Antonio Simões da Silva e Avelino Dias de Figueiredo, em Eixo; Manoel Dias Saldanha, em Lisboa, Rua Augusta, n.º 100-1.º; e Dr. Alfredo de Magalhães, no Porto, rua de S. Miguel, n.º 36.

INSTRUÇÃO PRIMARIA

Rudimentos de Sciencias Naturaes, conformes ao programma de 1902

POR

ALVARO M. MACHADO

Bacharel formado em Philosophia e Medicina pela Universidade e professor effectivo do Lyceu D. Manuel II

E

A. A. FLORES LOUREIRO

Medico cirurgião pela Escola Medica do Porto e professor interino do mesmo lyceu.

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

HENRIQUE VIEIRA

VIVEIRISTA

Costa do Vallado

Tem para vender mais de trinta mi exertos americanos das melhores qualidades.

Pede a todos os agricultores, que precisem de comprar, para não o fazerem antes de visitar os seus viveiros.

Responsabilisa-se por todas as encomendas que receber.

cou, de Kiew, de Odessa, é um enxerto de civilisação, de cosmopolitismo, de liberdade de pensamento, no velho tronco tartaro, que é afinal o imperio moscovita.

Que pensar de um Estado em que o soberano tem todos os direitos, mesmo o direito á propriedade? Semelhante regime é a annullação do individuo. Quando, nestes termos, é necessario mover em massa a nação, e nação é uma coisa inerte. Tudo está na mão do soberano, mas o soberano não tem senão uma força—a sua vontade infecunda. Não se diz a Lazaro: Levanta-te e caminha! O tempo dos milagres passou. Lazaro fica onde estava.

Assim ficou a Russia.

(1906) João Chagas

encontra fóra deste accordo internacional: a Grecia.

Desde que em 1901 a Hespanha adoptou a nova hora, era de indiscutível evidencia que Portugal tambem a devia adoptar.

Ora como acima deixamos dito, uma parte dos lisboetas receberam ironicamente a reforma da hora.

Julgando que seria necessario elucidar esse publico e mostrar-lhe quaes as vantagens que de tal reforma adviriam, tratamos de procurar uma opinião auctorizada.

O nosso escolhido foi o capitão de mar e guerra sr. José Nunes da Matta, presidente da Commissão Mixta, nomeada pelo governo provisório para dar o seu parecer sobre o assumpto.

Vamos encontrar s. ex.^a no seu bello cottage de Parede, proximo a Cascaes.

O illustre official, posto ao facto da nossa visita, começa por nos relatar o que atraz deixamos dito.

Diz-nos ainda s. ex.^a:

—A hora que amanhã começa a vigorar em todo o Portugal é a mesma hora da Inglaterra, da França e da Hespanha, tanto mais que ficou resolvido que o nosso paiz ficasse dentro do mesmo fuizo de Greenwich, isto para conveniencia publica, e assim facilitar todas as communicações commerciaes, financeiras, economicas e politicas com as nações com quem temos taes relações.

—E quaes as conveniencias que vêm dessa reforma? perguntamos.

—Ha muitas, commenta o nosso interlocutor.—Olhe por exemplo: Sendo as horas todas eguaes em Portugal, Hespanha, França e Inglaterra, já os passageiros dos comboios e transatlanticos estão ao facto dos horarios, que são todos eguaes. Antigamente quem sahisse de Lisboa, com destino a Hespanha e ali aguardasse qualquer comboio ficava prejudicado. E isto porque? Porque o seu relógio estava atrasado 37 minutos pelo da hora hespanhola.

Para fazer horas, visto calcular ter de esperar ainda os taes 37 minutos iria talvez descançar um pouco. Nesse entretanto o comboio seguiria ao seu destino e quando o passageiro voltasse para o tomar veria com espanto que elle já havia partido. E isto unicamente porque os relógios não estavam certos...

—Mas os horarios marcam sempre: hora portugueza ou hora hespanhola;— commentamos nós. De esta forma, o publico deve sempre estar ao facto d'esses horarios.

—Pois sim,— responde o nosso entrevistado.—De facto assim deve ser, mas quem va de viagem não se recorda d'essas coisas...

E o sr. Nunes da Matta, agasalhado no seu robe-de-chambre aconchega-se mais na sua cadeira estofada e prosegue:

—Mas ainda ha mais, meu amigo. Olhe, outro exemplo: Ina-

gine que um banqueiro de Paris, enviou para Lisboa a um seu amigo por telegramma um pedido para este comprar na bolsa uma somma importante em accões de qualquer companhia, fixando-se o prazo de uma resposta e combinando-se que o tal amigo de Lisboa, caso faça a transacção o avise pelo telegrapho até ás 2 horas da tarde, pois em caso contrario o de Paris empregará alli o capital em outro qualquer jogo de bolsa.

Succede que o amigo de Lisboa consegue fazer a transacção ás 2 horas menos um quarto e immediatamente telegrapha. Ora esse telegramma é recebido em Paris, não contando já com o tempo gasto com a expedição, 37 minutos depois da nossa hora actual. Isto, certamente, pôde occasionar graves prejuizos ao banqueiro de Paris, que já não contava receber o telegramma e que por tal motivo poderia ter gasto a sua fortuna em qualquer outro jogo de bolsa...

Uma breve pausa e o illustre official conclue:

—Ora aqui está uma das grandes conveniencias de todas as horas serem eguaes...

—E então agora, só falta acertar os relógios? atalhámos nós, emquanto nos preparavamos para apresentar as nossas despedidas.

Ao que o sr. Nunes da Matta responde com aquella já muito conhecida phrase que tem dado no góto a muita gente:

—No dia 1 de janeiro de 1912 ha apenas a fazer avançar o ponteiro dos minutos dos relógios de 26^m, 44^s, 68, ou approximadamente 37 minutos. Assim, uma aula que abre ás 9 horas passa a abrir ás 9 horas e 37 minutos ou, para maior simplicidade, ás 9 horas e 30 ou 9 horas e 40 minutos; quem almoça ás 10 horas e 30 minutos, passa a almoçar ás 11 horas e 7 minutos ou ás 11 horas, arredondando a contagem, etc.

Portanto, caros leitores, toca a adeantar a «ceboia»...

ctor das *Alvoradas d'Abril*, das *Jornadas do Minho*, e de tantos outros livros, em prosa e verso, que lhe têm creado a reputação de bom poeta e de bom prosador. Mas só tivemos tempo ainda para folhear, rapidamente, as suas quatrocentas paginas, o que não é sufficiente para colher impressões pessoaes bem definidas.

Limitamo-nos, por isso, a agradecer, vivamente penhorados, ao sr. Gomes de Carvalho, o exemplar da *Deshonra* que teve a amabilidade de nos enviar, desejando que o publico acolha este novo trabalho do sr. D. João de Castro com o mesmo interesse e a mesma sympathia que elle tem merecido á imprensa.

DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

Lisboa, 5

Foi aqui muito sentida a morte da sr.^a D. Maria Thereza, d'essa villa, que eu conhecia e respeitava como esposa dedicada e mãe carinhosa. Era parente das familias Melicias e Baetas, de S. João de Loure, onde a noticia da sua morte causou grande magua.

Paz á sua alma, e sentidos pesames á familia enluctada, especialmente aos seus filhos Carlos e Sebastião Rodrigues de Figueiredo.

—Um mal intencionado qualquer escreveu para o jornal de Estarreja, uma correspondencia de Thomar, dizendo que a nossa sempre querida musica «Velha-União», de S. João de Loure, se recusou a tocar com a *Nova* na Senhora do Livramento e no S. Miguel, em Pinheiro, por a *Nova* ser republicana. Pois enganouse o sr. correspondente. Republicana é a «Velha-União» que, a convite dos filhos de S. João de Loure, aqui residentes e que são republicanos sinceros, veio, gratuitamente, tomar parte nos festejos que nesta cidade se realisaram, por occasião do 1.^o anniversario da proclamação da Republica. E, de resto, não se lembrará o sr. correspondente, ou quem o informou, de que, quando o sr. Bispo do Porto, na sua visita pastoral, esteve em S. João, a musica *Nova* o foi cumprimentar, sem ninguem a ter convidado para isso?

Se a «Velha-União» não tocou na sr.^a do Livramento e no S. Miguel deveria ter tido razões, mas não politicas, tanto mais que, segundo me informam, as duas philarmonicas estão a viver nas melhores relações. Que assim seja sempre é o que eu muito desejo.

—Acaba de dar á luz uma robusta creança a sr.^a Maria da Conceição Bandeira, dedicada esposa do nosso amigo Joaquim Rebello da Silva, natural de Salreu (Estarreja), mas aqui residente ha muito tempo. Faça votos por que a galante creancinha, que é o enlevo dos paes, tenha uma vida cheia de prosperidades.

—Continua o bom tempo, mas com muito frio.

—Terminando, desejo que tenham tido boas-festas todos os que se interessam pelo «Correio do Vouga». — *Correspondente*

—Sim; experimentei na que está no Arco do Bispo.

—Pois então, á meia noite, tu me encontrarás nas Camellas e hoje é bom dia, que houve festa na Sé Velha; a caixa deve estar recheada.

A' hora aprazada lá seguiram os dois, bem embaçados nas capas e começaram pela da experiencia, a do Arco do Bispo, que pouco ou nada pingou. Correram as demais, sem escapar uma sequer, e de feito a da Sé Velha deu bons cobres e logo se dividiu o bolo.

Cumpre notar, que não tiravam tudo; lá deixavam em cada uma d'ellas uns magros dez reis, em duas de cinco, para não causar suspicita.

O curro era dado nas quartas e sabbados á noite, que os sacristaes o faziam nas quintas e domingos pela manhã.

Não davam fortuna aquellas bemditas almas, mas, enfim, era um achego; pingavam para se não morrer de fome.

O descobridor da chave, perdeu logo o medo e como era quem a

Idem, 5

(PARTICULAR)

Acabo de receber esta dolorosa noticia, de Azurva, minha sempre querida terra natal:

Na ultima terça-feira, quando o sr. Joaquim Gomes Navalhas estava a arrancar um pinheiro, este cahiu sobre elle, deixando-o em gravissimo estado. Foram immediatamente chamados dois medicos, que lhe prestaram os primeiros socorros.

O sr. Navalhas, que é estimadissimo pelos seus conterraneos, tem sido muito visitado.

Faço, pela minha parte, sinceros votos por que elle se encontre restabelecido o mais depressa possível.—*Pedro*.

Cezimbra, 3

Com muito gosto, envio pela primeira vez algumas ligeiras noticias d'esta terra.

As estradas, que conduzem a esta villa, estão, pôde dizer-se, intransitaveis, devido ás grandes invernias que tem feito, de tal modo que a diligencia que traz o correio chega ás vezes com duas horas de atraso.

Em virtude dos temporaes, tem havido grande escassez de peixe, lutando por isso a classe maritima com grandes difficuldades. Hoje, como o tempo melhorou bastante, já as armações d'esta costa fizeram bom negocio, seguindo grande parte do peixe para Setubal, e algum para a Ribeira Nova.

O dia de Anno Bom decorreu sem novidade, á parte ligeiros incidentes, devidos á embriaguez.

Brevemente, mandarei mais algumas noticias e, emquanto permanecer nesta terra, estarei sempre prompto a noticiar o que de importante aqui se passar.

Envio cumprimentos de boas-festas a todos os meus conterraneos.—*Santos*.

Barreiro, 4

Fez annos, no dia 1.^o, o sr. Manuel Marques, d'Azurva, mas aqui residente. Os nossos mais cordeaes cumprimentos.

—Com a sua esposa e filhos, deve retirar brevemente para essa villa, o sr. Antonio do Carmo de Magalhães, proprietario da importante padaria d'aqui *ca Aveirense*. — *Um barreirense amigo de Eixo*.

Troviscal, 22

Parece que não offerece nenhuma segurança a caixa do correio que ali está junta á casa do sr. Manuel Antonio dos Santos Vicente, seu depositario, havendo por ali menino que a abre com certa facilidade. Não sei bem o que ha de verdade a este respeito. Mas se não é mentira o que quasi toda a gente por ali diz sobre o caso, muito conviria que quem superintende em taes serviços tomasse as necessarias providencias para socego de todos.

—A proposito, queixa-se o sr. Manuel Simões de Carvalho, do Vale da Marinha, de que alguém lhe tirou de dentro d'ella uma sua carta.

Apresentada a sua queixa ao sr. director do correio, em Aveiro, parece que este funcionario trata de averiguar responsabilidades. Muito bom será que se descubra o culpado para que lhe seja applicado o castigo que merece.—*Gil*.

Nojões (Castello de Paiva), 28-12-912

(RETARDADA)

Os ultimos dias têm sido de intima e enternecida alegria. Domingo, vespera do Natal, o povo mostrava-se verdadeiramente satisfeito. Ao anoitecer, todos recolheram a casa para a festa da familia. Deveria haver então, em alguns lares,

guardava, já ia só, engazopando o Carochas, que possuia uma chave igual, mandada fazer por molde que tirou em cera, e por sua vez engazopava o socio, o que deu causa a disputa muito seria, que quasi os levou a vias de fato.

Chegaram a accordo, por fim, e continuaram como bons amigos.

Em geral as caixas eram magras; porem, as duas da Sé Velha e da Sé Nova, eram dois bancos; cada uma d'ellas era um erario!

Em certa noite estava o Carochas sem *chelpa* e saqueou as duas caixas fóra do dia marcado e ás escondidas do socio.

No dia do *corro social* muito pouco renderam todas ellas e o Febronia — era o appellido do Bohemio, inventor da chave, fundava suas esperanças na da Sé Velha, por onde o Carocha já havia passado como o fogo, limpando tudo; abriu elle proprio a caixa e, oh desespero!! meia duzia de moedas de cinco muito azinhavradas!

O Carocha fez um movimento de espanto e exclamou,

momentos de tristeza, ao evocar-se a memoria querida de saudosos mortos! Mas, alguém, de maior coragem, diria, embora dolorosamente, que «já nada se adeantava com o chorar»; que «quem lá vae, lá vae», e todos voltariam a rir-se, a cantar e a dançar. E que bailes e que descantes, em algumas casas! Que satisfacção e que alegria! Faz pena lembrar-se a gente de que a vida não é sempre isto succedendo á tranquillidade e prazer d'alguns momentos, annos e annos de trabalhos e dôres.

O dia 26 ainda foi de festa entre nós: Realizou-se a chamada feira do Natal, sendo a concorrência enorme. Quantos a ella concorreram apenas para se encontrarem com as eleitas do seu coração! Ai eu os vi, despreocupados e felizes, a sonharem com o lar e com a festa de familia que, no proximo anno, poderão talvez realizar já!

Termino esta ligeira chronica, numa saudação a todos os novos da minha terra, desejando-lhes as maximas felicidades no proximo anno, e faço-o com a tristeza de quem sabe que breve os vae deixar.—*Luso-Paivense*.

Curiosidades

Sentenças arabes

O peor dos homens é o erudito, quando não beneficia ninguem com o seu saber.

O liberal avisinha-se de Deus, dos homens, do paraizo, e aparta-se do fogo do inferno.

Algumas vezes é melhor a verdade que sae da tua boca, do que a esmola que sae da tua mão.

Ser-te-hão sempre uteis os beneficios, ainda que os faças a lobos vorazes.

As accões que se fazem com ostentação perdem, por isso mesmo, todo o seu brilho.

Tudo quanto fizeres seja com intenção pura, e adormece socegado, ainda que pernoites no deserto.

Não culpés o ausente, por tardar, pois terá ele consigo uma desculpa, que tu não podes saber.

O LUXO

CHRONICA DE LISBOA

Novo e sensacional romance do mesmo auctor de

OS TRISTES

e, como este, livro de critica, livro para recreio e para estudo, d'um realismo interessante.

O suggestivo titulo com que elle será apresentado, dispensa referencias á sua indole; o justo renome do sr. Barros Lobo é uma garantia do seu merecimento.

sustendo a muito custo o riso:—estamos roubados!

Qual roubados! Bem disse o Marquez de Pombal:—Portugal vae á vela! a degração religiosa chegou ao auge; olha, (fazendo pular as moedas na mão) a heresia tem-se propagado com tal impetuosidade, que o povo já nem dá esmolas para as alminhas do purgatorio!...

Ahi, o Carochas aproveitou o ensejo para rir-se a valer, deitado no parapeito ou muralha do terraço que circula a Igreja, e quanto mais o Febronia se exaltava pelo desastre, mais o Carocha se ria.

Profundo foi o desgosto que veio pungir o Carochas e o Febronia, com a retirada das caixas para o interior dos templos, onde se pedia esmola no acto da missa pelo Andador.

Secção-lhes aquella fonte de receita, pelo que muitas pragas rogaram ao Bispo Conde de Coimbra, que tal ordenára.

(Do *Mata-Carochas*)

DR. ANTÃO DE VASCONCELLOS.

Pela imprensa

«A DESHONRA»

Da importante *Livraria Central*, de Lisboa, de que é proprietario o sr. Gomes de Carvalho, acabamos de receber *A Deshonra*, um romance bem feito, a avaliar pelas referencias que tem merecido á imprensa e que o nome do seu auctor, o sr. D. João de Castro, justicam.

Desejariamos dizer já, neste numero, da nossa justica sobre o novo trabalho do illustre au-

Este Bohemio, em certo dia em que ambos estavam a tenir, revelou o seu segredo ao Mata-Carochas e convidou-o a irem ao curro nas caixas, visto que só poderia ser dado alta noite e elle tinha medo.

—Medo de que? perguntou-lhe o Carocha.

—Não é medo verdadeiramente, redarguiu o inventor, é respeito, uma especie de pavor. Tu sabes que eu sou christão...

—Oh, javardo! tu cuidas que aquelle cobre vae para as almas? continuou o Carochas. Eu tambem sou christão, muito religioso e até me confesso todos os annos; vae perguntar ao Padre Joaquim Sem Cuidados quantos pintos me tem comido pela desobriga. Olha:—Christo disse que a caridade bem entendida começa por casa; tu não tens; eu não tenho; as almas estão lá no purgatorio bem alumadas pelo fogo em que ardem, para que diabo precisam ellas de azeite?! Dá cá a chave; abre ella as caixas? já experimentaste?

As caixas das almas

Em todo Portugal é muito usual collocarem-se santos em nichos, pelas estradas, e caixas das almas para esmolas.

Esse costume está propagado pelas cidades, como aqui se dá; são caixinhas de madeira pregadas em uma taboá com pinturas muito toscas e almas com a mesma cara, todas dentro de uma fogueira. Coimbra não fugiu ao uso e, no meu tempo, dessas caixas existiam no Bairro Alto cerca de nove.

Um estudante habilidoso arranjou uma chave que as abria todas, visto que as fechaduras eram lizas, muito ordinarias e não havia risco de qualquer assalto, porque eram guardadas pelo respeito ás cousas sagradas, alem das sentinellas á vista, que eram as *almas penadas*, como lá dizem.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações que nos forem enviadas

LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

Largo dos Loyos, 45—PORTO

Ultimas publicações:

MANUSCRITO

DAS ESCOLAS PRIMARIAS

(Illustrado) por Angelo Vidal

Cuidadosamente organizado, contendo variados typos de letra, alguns muitos proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch. 120 Enc. 200 reis

Desenho Geometrico dos Lyceus, para as 4.^a e 5.^a classes, por Angelo Vidal.

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Para festas das creanças

Puerilidades

por Angelo Vidal

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 reis Encadernado 350

PORTUGAL NA CRUZ

Versos de BERNARDO PASSOS

Edição da Livraria Central, de Gomes de Carvalho—158, Rua da Prata, 160, LISBOA.

GRAMMÁTICA ELEMENTAR DA LINGUA PORTUGUEZA

PARA USO DOS ALUMNOS D'INSTRUÇÃO PRIMARIA

Elaborada segundo os actuaes programmas

por ALBANO DE SOUZA

3. EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Teem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás creanças d'uma grande suavidade e portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

Cartonado 150 reis

PROGRAMMAS D'INSTRUÇÃO PRIMARIA—Com modelos para requerimentos de exames de instrução primaria. BROCHADO 60 REIS.

TABOADA e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.^a 2.^a e 3.^a classes de Instrução Primaria, por A. M. F.

5.^a edição. 100 reis



ANGELO VIDAL

A B C ILLUSTRADO

A' venda em todas as livrarias.

Manuscripto das Escolas Primarias

por Angelo Vidal

Edição da Livraria Fernandes

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O Manuscripto das Escolas Primarias—contem exercicios graduados e variados de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes accomodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e attrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se póde dizer, como alguém disse do mallogrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias—precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte

Depois, o preço é tão modico, 120 reis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisarão d'elle.

(Da Vitalidade de 17 d'outubro, 1908).

A FAMILIA MALDONADO

por VIEIRA DA COSTA

OS TRISTES

por FRANCISCO BARROS LOBO

Livraria editora de Gomes de Carvalho—Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.

A B C

ILLUSTRADO

por ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

2.^a edição—Brochado 60—Cart 100

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras», procurou o auctor, n'este modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos. A accettazione que este livrinho vai tendo, anima-nos a recommenda-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este methodo:— Collecção de 12 quadros em papel, 306 reis. Collecção de 12 quadros collados em cartão—27300 reis.

LÉON TOLSTOI

Ao Clero. A destruição do inferno e a sua restauração. Traduzido por Mayer Garção. 1 vol. 200

O que é a religião? Traducção de Heliodoro Salgado. 1 vol. 200

Pão para a bocca. Origem do mal. Traducção de Affonso Gayo. 1 vol. 100.

Razão, fé, oração. Tres cartas traduzidas por Marianna Carvalhaes. 1 vol. 100.

(O Bom senso do) A Razão d'um Padre. Traducção de M., com uma noticia de França Borges. 1 vol., 500.

Atravez das edades. Poemete oferecido ás piedosas reflexões do sr. Arcebispo de Evora, por Heliodoro Salgado. 1 vol., 200.

O Seculo e o Clero, por João Bonança 2.^a edição. 1 vol., 300

A mentira religiosa, por Max Nordau. Traducção de Affonso Gayo. 1 vol., 100

LIVRARIA CENTRAL DE Gomes de Carvalho, editor 158, Rua da Prata, 160—LISBOA MALVERT

SCIENCIA E RELIGIÃO

Traduzida da 3.^a edição franceza por

HELIODORO SALGADO

Esta obra é um ensaio de vulgarisação, em fórma clara e attrahentes dos dados positivos fornecidos pela sciencia moderna sobre a genése e cohesão das religiões especialmente da chistã, projectando uma lua novo sobre problemas a que nenhum homem intelligente, seja qual fór a sua opinião e a sua crença, poderá ficar indifferente.

1 volume com 156 gravuras Preço 500 reis

Bibliotheca Humoristica

A RIR... A RIR...

DIRECTOR E UNICO REDACTOR

Ferreira Manso (Y. LHACO)

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

50 rs.—32 paginas—50 rs.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodico, de caracter permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfatiado;

A RIR... A RIR... é o titulo do 1.^o volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeracão seguida, constituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do auctor e com pequenos artigos de critica em exaggeros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

Ao A RIR... A RIR... seguir-se-hão as «Gargalhadas satanicas», com as quaes V. Lhaco castigará todos os typos que representam a tyrannia, a exploração, enfim, a reacção em todas as suas manifestações; a estas, «A Moral» e a «Litteratura»; depois as «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR... como todos os volumes que não-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracterisal-a o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

Á venda em todas as Livrarias

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e iitterario

Redacção e Administracção:

R. do Commercio do Porto, 124-B

ASSIGNATURA

(Pagamento adiantado)

Portugal—anno 1\$200
 — semestre 600
 Africa —anno 1\$500
 Brazil—anno—(moeda forte) 2\$200

PUBLICAÇÕES

Annuncios, por cada linha . . . 10 reis
 Communicados, cada linha . . . 20 »
 Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.
 Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

4.^o ANNO—N.^o 52

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Redacção e Administracção—R. do Commercio do Porto, 124-B—PORTO

Cam. Int.

LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

Ultimas publicações:

MANUSCRIPTO

DAS ESCOLAS PRIMARIAS

(Ilustrado)

por Angelo Vidal

Cuidadosamente organizado, contendo variados typos de letra, alguns muitos proprios para mo- e los calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch. 120 Enc. 200 reis

Desenho Geometrico dos Lyceus, para as 4.ª e 5.ª classes, por Angelo Vidal.

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Para festas das creanças

Puerilidades

por Angelo Vidal

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 reis Encadernado 350

PORTUGAL NA CRUZ

Versos de BERNARDO PASSOS

Edição da Livraria Central, de Gomes de Carvalho—158, Rua da Prata, 160, LISBOA.

GRAMMATICA ELEMENTAR

LINGUA PORTUGUEZA

PARA USO DOS ALUMNOS D'INSTRUÇÃO PRIMARIA

Elaborada segundo os actuaes programmas

ALBANO DE SOUZA

3.ª EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Teem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás creanças d'uma grande suavidade e portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

Cartonado 150 reis

PROGRAMMAS D'INSTRUÇÃO PRIMARIA—Com modelos para requerimentos de exames de nstrucção primaria. BROCHADO 60 REIS.

TABOADA e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.ª 2.ª e 3.ª classes de Instrucção Primaria, por A. M. F.

3.ª edição. . . 400 reis



ANGELO VIDAL

ABC ILLUSTRADO

A' venda em todas as livrarias.

Manuscripto das Escolas Primarias

POR

Angelo Vidal

Edição da Livraria Fernandes

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O Manuscripto das Escolas Primarias—contem exercicios graduados e variados de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes accomodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e atrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se póde dizer, como alguem disse do mallogrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias—precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte

Depois, o preço é tão modico, 120 reis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisarão d'elle.

(Da Vitalidade de 17 d'outubro, 1908).

A FAMILIA MALDONADO

POR

VIEIRA DA COSTA

E

OS TRISTES

POR

FRANCISCO BARROS LOBO

Livraria editora de Gomes de Carvalho—Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.

ABC

ILLUSTRADO

POR

ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

2.ª edição—Brochado 60—Cart 100

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras», procurou o auctor, n'este modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos. A accitação que este livrinho vai tendo, anima-nos a recommenda-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este methodo:— Collecção de 12 quadros em papel, 306 reis. Collecção de 12 quadros collados em cartão—27300 reis.

LÉON TOLSTOI

A Clero. A destruição do inferno e a sua restauração. Traduzido por Mayer Garção. 1 vol. 200.

O que é a religião? Tradução de Heliodoro Salgado. 1 vol. 200

Pão para a bocca. Origem do mal. Tradução de Affonso Gayo. 1 vol. 100.

Razão, fé, oração. Tres cartas traduzidas por Marianna Carvalhaes. 1 vol. 100.

(O Bom senso do) A Razão dum Padre. Tradução de M., com uma noticia de França Borges. 1 vol., 500.

Atravez das edades. Poemete oferecido ás piedosas reflexões do sr. Arcebispo de Evora, por Heliodoro Salgado. 1 vol., 200.

O Seculo e o Clero, por João Bonança 2.ª edição. 1 vol., 300

A mentira religiosa, por Max Nordau. Tradução de Affonso Gayo. 1 vol., 100

LIVRARIA CENTRAL

DE

Gomes de Carvalho, editor

158, Rua da Prata, 160—LISBOA

MALVERT

SCIENCIA E RELIGIÃO

Traduzida da 3.ª edição franceza por

HELIODORO SALGADO

Esta obra é um ensaio de vulgarisação, em forma clara e atrahente, dos dados positivos fornecidos pela sciencia moderna sobre a genese e cohesão das religiões especialmente da chistá, projectando uma lua nova sobre problemas a que nenhum homem intelligente, seja qual for a sua opinião e a sua creença, poderá ficar indifferente.

1 volume com 156 gravuras

Preço 500 reis

Bibliotheca Humoristica

A RIR... A RIR...

DIRECTOR É UNICO REDACTOR

Ferreira Manso (V. LHACO)

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

50 rs.--32 paginas--50 rs.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodico, de caracter permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfasiado;

A RIR... A RIR... é o titulo do 1.º volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeracção seguida, constituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do auctor e cem pequenos artigos de critica aos exaggeros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

Ao A RIR... A RIR... seguir-se-hão as «Gargalhadas satanicas», com as quaes V. Lhaco castigará todos os typos que representam a tyrannia, a exploracção, emfim, a reacção em todas as suas manifestações; a estas, «A Moral» e a «Litteratura»; depois 25 «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR..., como todos os volumes que hão-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracterisala o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

A venda em todas as livrarias

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administracção: R. de S. Miguel, 36--PORTO

ASSIGNATURA (Pagamento adiantado)

Portugal—anno	15200
» —semestre	600
Africa —anno	15500
Brazil —anno—(moeda forte) .	25200

PUBLICAÇÕES

Annuncios, por cada linha . . . 10 reis
 Communicados, cada linha . . . 20 »
 Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.
 Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Redacção e Administracção—Rua de S. Miguel, 36—PORTO

Cam. Int.



Devolvido a redacção
 Encosado pelo Destinatario
 Martins

4.º ANNO—N.º 3